



mutações do laço social o novo nas parcerias

XXIV
Jornada
EBP-MG
{fora de série}

Esses dois não se reconhecem sexualmente

Samir Honorato

Mais que aproximar amor e saber, Lacan afirma que o saber “tem a maior relação com o amor”, de modo que “todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes¹”. Para Lacan, esse saber é aquele que permite que os seres sexuados se reconheçam num encontro, dando condição para que algo se escreva no impossível da relação. A hipótese que proponho, aqui, é a de que esses saberes, quando se encontram hoje, não mais tem se reconhecido.

Na medida em que Freud fez do pai esteio do amor, poderíamos nos perguntar quais consequências teriam nesse contexto a flagrante depreciação de sua figura em nossa cultura. Lacan nos dá uma direção, ao apontar que o declínio da imago paterna arrastaria consigo os ideais sexuais que ali orbitavam. Sem contar com os semblantes validados por um pai de outrora surge, na dimensão do encontro sexual, um impasse: esses dois não se reconhecem.

Não se reconhecem porque o campo da diferença, hoje, é preterido em favor de uma nova ideia de relacionamento – e justamente aquilo que poderia colocar o saber inconsciente a trabalho é rechaçado, aparece em outro lugar. No lugar da diferença nasce uma sede de controle, numa espécie de forçamento para que o outro caiba na própria fantasia, munida de todo um aparato tecnológico. Do maktub do encontro passa-se ao déjà-vu das tecnologias. Surge, assim, um amor feito para o uso, na medida do gozo, um amor sem causa.

A causa está em outro lugar. Aquilo que Freud² localizou em sua época, nos homens que, “quando amam não desejam”, parece ter se generalizado, independente do gênero. E se os homens, hoje, fazem de tudo para se prevenir do acaso, para evitá-lo, as mulheres já não querem mais saber do que os causa. Hoje, elas têm outras ambições e quando há uma causa em jogo esta também se encontra alhures: no trabalho, num colega de trabalho ou, até mesmo, junto a um filho. O que se escuta aos quatro ventos é que os homens não estão valendo o esforço ou, simplesmente: “não sou obrigada”.

[1] Lacan, J. *Seminário, livro 20: mais, ainda.* (1972-1973). – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 155.

[2] Freud, S. *II Sobre a mais geral degradação da vida amorosa* (1912), in *Contribuições para a psicologia da vida amorosa* (1910-1918); 1ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 142.

Frente à rigidez de outros tempos, ao amor se tem permitido fluir, se moldar aos novos recipientes simbólicos da cultura vigente, mas um giro como esse não se faz sem efeitos. Um deles é o surgimento da transferência negativa frente a toda e qualquer manifestação da diferença, dando origem a um laço social baseado na suspeita, próximo do que Miller³ destacou como um “ponto de ancoragem” ainda a ser mais bem definido: O da categoria “o Outro é mau”. Se incluimos, aqui, o amor, é para nos perguntar se isso é, mesmo, amor ou é, como nos diz Lacan, o verdadeiro amor. Porque, para Lacan, “o verdadeiro amor desemboca no ódio⁴”.

[3] Miller, J.-A. *Quando o Outro é mau*. In: *Opção lacaniana online*, ano 9, números 25 e 26, março/ julho, 2018.

[4] Lacan, J. *Seminário, livro 20: mais, ainda*. (1972-1973). – Rio de Janeiro: Zahar, 2008, p. 157.